

JORNAL PRODOURO



*Este jornal não segue o acordo ortográfico



Editorial

Chegou o Outono

Começamos de novo. Acabaram as vindimas e os vinhos afinam-se nas adegas. Respira-se de alívio, o ano foi bom e as forças estão retemperadas para começar tudo outra vez. Num mundo ideal, seria assim, no nosso as contrariedades abundam. Nesta edição reflectimos sobre a campanha 2020-2021 do VITIS e os problemas, a nosso ver fáceis de resolver, que condicionam o seu desejável bom funcionamento. [A carta de agradecimento](#) que escrevemos ao Sr. Ministro da Agricultura pelas boas decisões incluídas na [Portaria 279/2019 de 28 de Agosto](#) tem agora um sabor amargo e vimo-nos forçados a escrever novamente, desta vez ao Presidente do IVV, para reclamar a reposição da justiça. Não se dá com uma mão para se retirar com outra e todos sabemos onde vai parar “quem dá e tira...”. Voltamos ainda aos muros, anima-nos a vontade dos nossos antepassados que os contruíram a força de braços e não desistimos de lutar por eles. Esclarecemos uma dúvida que paira pesada sobre as acções de controlo do VITIS. Vamos fazê-la cair de vez. Apresentamos ainda dois exemplos de bom e mau jornalismo. O mau serviço público prestado pelo programa Prós e Contras dedicado ao Douro, transmitido pela RTP no dia 14 de Outubro. E o excelente artigo de Luis Lopes, na revista Grandes Escolhas sobre o predicado “vinhas velhas” Acompanhe as últimas sobre o Tratamento por Água Quente e a luta contra o granizo.



Ferramentas de construção de muros de pedra posta, uma arte no Douro e retrato de uma vindima da década de 50/60 quando a mão de obra abundava, por Artur Pastor

O “Douro Prodigioso”, ou a melhor maneira de nos afundarmos nele

O décimo sétimo aniversário do programa da RTP Prós e Contras ficou manchado pela má imagem que se transmitiu do Douro. Foi uma má prestação jornalista à qual se aplica na perfeição o provérbio, “quem te manda a ti sapateiro, tocar tão mal rabecão”, mas, bem vistas as coisas, quem esteve mesmo mal foram os representantes do Douro e os que aspiram a sê-lo. O Sr. Presidente do IVDP, que segundo as suas palavras, tanto tem feito pela promoção do vinho do Porto, entende que a solução para a falta de mão de obra no Douro se encontra na máquina de vindimar, à semelhança dessa região vitícola, tão similar à nossa, que é Bordéus. Como? A mão de obra, faz falta durante todo o ano, o Douro representa a maior área mundial de viticultura de montanha, e a mecanização além de não ser fácil é cara. Num futuro próximo a mecanização será uma realidade, mas como é possível acreditar que uma região possa prosperar, vazia de conteúdo, de pessoas, de vida na sua imensa paleta de possibilidades.

Voltamos à promoção, Sr. Presidente, se o vinho for correctamente valorizado, também o serão as uvas e será possível nessa altura melhorar as condições de trabalho. Trata-se de olhar para o todo e não para o particular. De outro ângulo, temos a agricultura familiar, que foi durante anos o suporte das grandes explorações. Os pequenos agricultores pagavam as suas contas balançando os rendimentos da sua exploração e os do trabalho para outrem. Desengane-se quem pensa, e quem chegou a afirmar no programa, que o pequeno agricultor não sabe fazer contas. Essas contas permitiram criar famílias numerosas e formar engenheiros, médicos, advogados, juizes. O problema da mão de obra tem que ser visto de longe e para longe, isto é, não interessa resolver o problema particular da vindima, mas o das tarefas de todo o ano; não interessa resolver um ano difícil, mas sim garantir um futuro constante; não interessa considerar só as vinhas, mas toda a região. A solução não está à frente dos nossos olhos, mas temos que parar de falar no assunto como se o pior estivesse para vir. O pior já chegou e já se sente na pele. Continua na pag.5...

NESTA EDIÇÃO

MUROS DE PEDRA POSTA

VINHA AO ALTO

PORTARIA 279/2019 DE 28 AGOSTO

VITIS 2020-2021

Socalcos suportados por muros de pedra posta
Um critério falso de prioridade?

PRODOURO

Passou o primeiro de dois meses da candidatura VITIS 2020-2021, mas até agora, as aguardadas medidas complementares nada acrescentam acerca da ajuda específica às «candidaturas exclusivamente com parcelas em patamares suportadas por muros de pedra posta, com vista à manutenção destes» e que mereceram 10 pontos extra na ponderação da candidatura, a par das vinhas de Colares e Bucelas. Este critério de prioridade é uma antiga reivindicação da ProDouro, pois sempre dissemos que «devem ser especialmente consideradas prioritárias as candidaturas enriquecedoras da vinicultura e do ADV – Património Mundial, ou seja:

Grau 1 – replantação de socalcos pós-filoxera com elevada mortalidade de videiras e muros caídos, desde que se conserve a anterior arquitectura de terreno e se reconstruam os muros caídos.

Grau 2 – vinhas em patamar (vulgarmente chamadas vinhas PDRITM) com graves problemas de erosão do solo, mortalidade das videiras ou baixa densidade de plantação, desde que a reconversão considere «patamar estreito» e a sua construção seja guiada por laser de maneira a resolver o escoamento das chuvas torrenciais sem provocar erosão.

As vinhas a que atribuímos o «grau 1» foram de facto consideradas prioritárias na candidatura em curso (15 de setembro a 15 de novembro de 2019), mas, essa prioridade, por si só, pouco ou nada vale, pois **quem enfrentará a reconversão da sua vinha sabendo que apenas o ajudam a reconstruir no máximo 57 m2 de muro exposto por hectare?**



Vinha em socalcos suportados por muros de pedra posta

A ProDouro sabe quanto custa construir 1m² de muro durante o saíbramento e elucidou o Ministério da Agricultura e a CCDR-N (Unidade de Missão Douro) dessa conta. Repetimos-lhes [aqui](#) a tabela de produtividade do trabalho e demais considerações acerca do trabalho de reconstrução de muros de pedra posta.

Por fim, repetimos-lhe outra das nossas reflexões públicas acerca da recuperação das nossas primeiras vinhas pós-filoxera: «Será importante para a vinicultura do Douro e para o ADV – Património mundial, que, no caso específico de replantação de vinha em socalcos pós-filoxera, se possa candidatar a totalidade de muros a reconstruir de facto em determinada área».

Tem a palavra a nossa Direção Regional de Agricultura e a CCDR-N (Unidade de Missão Douro). Construir muros de pedra posta é connosco, mas, para isso, precisamos de ajuda em dinheiro.

Ajuda verdadeira, bem entendido.



O Outono no Douro, logo após as vindimas, é reservado para começar a surribo para as novas videiras a plantar no fim do Inverno

Fotografia de António Magalhães

VITIS 2020-2021

Vinha ao Alto

A nova Portaria VITIS publicada este ano ([nº 220/2019 de 16 de Julho](#)) veio corrigir uma injustiça que a anterior legislação (nº 323/2017 de 26 de Outubro) continha ao não considerar as **vinhas ao alto na região do Douro** como alteração de perfil.

Esta situação foi denunciada pela ProDouro no documento entregue ao IVV em 2018 e à nova Direcção daquele organismo em Maio deste ano. Congratulamo-nos com a decisão tomada que veio de encontro à realidade, pois como todos sabemos, na região os custos de instalação de uma nova vinha não dependem do modelo de vinha mas sim da maior ou menor densidade de videiras.

Para as acções de controlo à plantação, as Normas Complementares de aplicação do VITIS (versão Setembro 2016) determinaram que no caso das vinhas ao alto seria necessário recolher evidências fotográficas das grandes movimentações de terra e facturas das prestações de serviços a fim de se poder validar a alteração de perfil.

Apesar da mensagem claríssima, esta medida continua a ter dificuldades de implementação, surgindo dúvidas nas acções de controlo que não deveriam acontecer. Se a **acção de controlo a uma vinha acontece após a plantação estar efectuada** é praticamente impossível visualizar no terreno se ocorreram ou não grandes movimentações de terras não sendo, portanto, correcto assumir-se que estas não ocorreram e logo que a vinha não tem alteração de perfil.

Os técnicos devem, de acordo com as Normas Complementares do VITIS, verificar se o beneficiário apresenta as fotografias e facturas devidas e deixar a “criatividade” ou a “vontade própria” para alturas mais indicadas, fora do horário laboral e que não afectem o correcto desempenho das suas funções.

Uma Mão que Dá e outra que Tira?

Os viticultores foram surpreendidos positivamente com o [«aviso de abertura para a submissão de candidaturas de apoio à reestruturação e reconversão de vinhas \(VITIS\), campanha 2020-2021»](#), para logo de seguida se desiludirem com o lançamento da [Portaria nº 279/2019](#) de 28 de Agosto. Se, para a ProDouro, a Portaria foi sem dúvida, «a mão que dá», o aviso posterior, caso não seja emendado, será «a mão que tira». A desilusão e o prejuízo com o Aviso no que se refere aos procedimentos impostos por obediência aos seus parágrafos 19 e 20 e à sua interpretação veiculada nas sessões públicas de esclarecimento do VITIS levou-nos a escrever uma [carta ao Sr. presidente do IVV Eng.º Bernardo Gouvêa](#), com conhecimento do, à data, Ministro da Agricultura Dr. Capoulas do Santos. É urgente que se leia esta carta e se reponha a justiça.



TAQ

A obrigatoriedade do Tratamento por Água Quente (TAQ) prevenindo a Flavescência Dourada (e outras doenças) da videira foi assunto principal na edição anterior do nosso Jornal e, felizmente, a Direcção Geral de Agricultura e Pecuária (DGAV) conta-se entre os nossos leitores. A responsável do DGAV, Eng^a Paula Cruz de Carvalho, promoveu uma reunião na delegação do IVDP no Porto sobre o assunto. Estiveram presentes, além do IVDP (oxalá sigam o bom exemplo do CIVC – Comité Interprofissional das vinhas de Borgonha), representantes habilitados da Direcção Regional de Agricultura do Norte, da UTAD, da ADVID, da VITICERT e claro, nós próprios, ProDouro.

O convite da DGAV via correio electrónico era claro: *«Tendo a DGAV tido conhecimento, pelo jornal que se anexa [Jornal da ProDouro], da defesa por parte da ProDouro, ADVID e UTAD da extensão da obrigatoriedade do Tratamento por Água Quente (TAQ) a todas as plantas vitícolas destinadas à plantação da RDD, e por considerarmos importante alargar essa discussão e reflexão às várias entidades interessadas e que intervêm no processo de produção, controlo e certificação de plantas vitícolas, propomos a realização de uma reunião no próximo dia 17 de outubro, das 15-17.30 horas, nas instalações do IVDP, no Porto».*

A reunião foi proveitosa. A Eng^a Paula Cruz Carvalho trouxe para discutir quatro cenários com vista à obrigatoriedade do TAQ, sendo o 4º (ou primeiro passo) precisamente o TAQ voluntário que a ProDouro segue. Estão agora em discussão mais três cenários que em devida altura daremos conta. O TAQ obrigatório há-de ser uma realidade, tal como preconiza a ProDouro, e a ajuda nesse sentido da Eng^a Paula Cruz Carvalho veio em boa hora.

Bem-haja.

Entretanto, a ProDouro lamenta que seja fácil obrigar os viticultores ao tratamento insecticida contra o insecto vector da doença e muito difícil obrigar ao inocente, mas eficaz, TAQ das videiras.



Scaphoideus titanus
insecto vector da
Flavescência Dourada



Lançamento de balão
meteorológico com sais
higroscópicos. Método
Selerys



Vitioeste aposta na compra de segunda máquina de Tratamento por Água Quente. À semelhança deste viveiro com quem a ProDouro tem vindo a trabalhar também a empresa Pierre Boyer avançou com a compra de uma máquina TAQ. É bom saber que há empresas que se adiantam e não esperam pela obrigatoriedade. Os agricultores conscientes têm mais uma opção ao dispor.



Plantas em viveiro

GRANIZO

COMITÉ DE COMBATE AO GRANIZO

Estamos prestes a concluir o 10º e último passo da longa caminhada que encetámos na luta activa contra o granizo em vinhas do Douro. São passos de gigante, bem entendido.

Temos vindo a explicar aos nossos parceiros do Douro vinhateiro os nove passos dados até aqui, os últimos dos quais de mãos dadas com a UTAD, e angariado entusiastas para a formação do «Comité de Combate ao Granizo».

Anunciamos desde já os primeiros parceiros que se voluntariaram para o constituir. Para além dos seus fundadores, ProDouro e UTAD temos, por ordem alfabética: ADVID, Adega Cooperativa de Favaios, Adega Cooperativa de Sabrosa e Câmara Municipal de Alijó.

Une-nos a consciência de que um bom seguro de colheita minimiza o prejuízo da perda da colheita, para quem vende a uva, mas nunca pagará a falta de uvas para quem vive do vinho. Além disso, não há dinheiro que pague o desgosto de perder em segundos um ano de trabalho para uma tempestade de granizo nem papel nenhum que impeça a ansiedade desgastante nos dias em que o IPMA anuncia a possibilidade de trovados e granizo para o «interior norte» sem se dar conta de quão vago é este aviso: Interior Norte?

DRAPN E PRODOURO
DISCUTEM DOSSIER GRANIZO

A última explicação do projecto foi feita à DRAPN na pessoa da sua Directora, Eng^a Carla Pereira e da Directora de Serviços Eng^a Maria Manuel Mesquita no dia 23 de Outubro, na sede da ProDouro. Foi com agrado que constatamos que a nossa Direcção Regional se alia a esta causa disponibilizando-se para procurar soluções para a implementação do projecto, que, lembramos, se cingirá por enquanto a um estudo piloto da área definida pelo triângulo Pinhão-Sabrosa-Alijó, de longe, a mais fustigada por fenómenos de granizo violento na década corrente.



CIM-DOURO MOSTRA
INTERESSE NA LUTA CONTRA O GRANIZO

Aguardamos a marcação de reunião com a CIM-Douro após manifestação de interesse em aprofundar o tema do granizo. Entretanto agradecemos do fundo do coração a todos os outros que nos ouviram e prometeram ajuda, nomeadamente a CCDR-N, a CM de Sabrosa e a CM de Alijó que anunciou publicamente na sessão realizada em Favaios a sua disponibilidade para apoiar financeiramente. Um agradecimento muito especial ao Prof. Dr. António Nazaré Pereira da UTAD, que tornou possível que o esforço da ProDouro não fosse em vão.

Muito obrigado a todos.
Vamos ao trabalho!

VINHA-VELHA HISTÓRICA

Luis Lopes reconhece na ProDouro o caminho certo para definição de vinhas velhas



Fotografia de António Magalhães

A Vinha Velha será o assunto da próxima edição do nosso Jornal. É provável que antecipemos uma edição extra, antes do Natal.

A ProDouro sabe o que é uma vinha velha, mas está decepcionada e muito preocupada com o curso da discussão sobre o assunto. Se uns tratam a «vinha velha» com leviandade preocupante, outros alheiam-se da discussão. (Serão os que se alheiam os mesmos que os homens políticos querem obrigar a pertencer à nova Casa do Douro?). Hoje, porém, ganhamos nova alma com o Editorial de Luis Lopes na prestigiada e influente revista Vinhos-Grandes Escolhas. Diz Luis Lopes: «O Douro, sendo a região de Portugal onde se preservam mais vinhas antigas e, consequentemente, aquela que mais utiliza o conceito para promover os seus vinhos, tem aqui responsabilidade acrescida. Deverá por isso ser o Douro, no seu próprio interesse, a liderar o processo de definição e regulamentação da designação vinhas velhas. Uma associação de viticultores, a Prodouro, que congrega 72 agentes económicos regionais, já deu o primeiro passo propondo, para definir uma vinha velha duriense, resumidamente, algo como isto: «vinha plantada até ao ano 1965 segundo o modelo comum ”socalco pós-filoxera”, embora, por razões de topografia de terreno, possa não ter obrigado à construção de socalcos suportados por muros de pedra posta. Contudo a vinha velha em socalco pós-filoxera constituirá um subgrupo de eleição a que sugerimos chamar “vinha velha histórica».

Muito obrigado, Luis Lopes. Entretanto recomendamos a leitura do editorial (e da revista inteira) aos senhores do IVDP, da AEVP e da FRD.



Quinta do Noval

PRÓS E CONTRAS (continuação)

O povo já não lava no rio

PRODOURO
2019

A continuarmos assim o povo já nem sequer habitará no Douro. Ficaremos com um involucro vazio, um belo embrulho de faz de conta que desiludirá quem tenha a ousadia de o desembrulhar. Os cruzeiros, serenos, continuaram a passar apreciando tranquilamente a fachada do Douro sem importar a ninguém que o interior tenha ruído. Por todo o mundo há exemplos de sítios maravilhosos completamente esgotados e destruídos pelo turismo. Quando se vai aprender que o turismo tal como a sanguessuga pode ser usado para purificar uma região, renova-la, restaura-la mas se não for retirada a tempo pode drená-la até à morte. Mais uma vez é preciso ver o todo, esquecer o lucro imediato e rápido em favor do lucro crescente e prolongado por gerações.

Trata-se aqui de regulamentar o tráfego excessivo das águas, de fiscalizar se as embarcações são ou não poluentes e perturbadoras do ecossistema. De exigir envolvimento activo no objecto do seu negócio, pagando uma taxa, como se faz já noutros pontos turísticos, que possa reverter, por exemplo para a preservação de muros, que sabemos bem, não é barata. Já não passa pela cabeça de ninguém viver sem turismo, mas não podemos nunca esquecer os nossos, que aguentam firmes na região resistindo ao apelo do abandono. Não podemos também esquecer que o Douro, tão rico que é, não vive só da viticultura. Temos outras culturas também importantes e partes do Douro onde se vive exclusivamente delas. Por último, a vergonha suprema perante a lavagem de roupa suja que se fez na praça pública. É caso para dizer, “em casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão”. Ficou a dúvida se neste caso, se ralha por falta ou excesso de pão.



TURISMO

O Douro não é um parque
temático

Fotografia de Artur Pastor década de 50/60